

A ânsia de destruir é também a ânsia de criar

Mikhail Bakunin, anarquista russo (1814-1876)

Entre alguns pensadores é comum encontrarmos a ideia de Anarquismos, assim mesmo, no plural. Esta estratégia busca dar conta das diferentes maneiras que o anarquismo se apresentou ao longo dos últimos três séculos. Desde denominações mais clássicas, que vão do anarco-comunismo, o anarco-individualismo ou o anarco-sindicalismo, até denominações atuais como pós-anarquismo, encontramos uma série de nomenclaturas para definir distintas formas de ação e intervenção do pensamento libertário. No entanto, se elas apresentam algumas especificidades, existem princípios comuns a todos estes anarquismos: a crítica radical a qualquer forma de poder centralizado, o respeito às diferenças individuais, a possibilidade da auto-organização etc.

Seja qual for a terminologia utilizada pelo anarquismo ao longo de sua história, seus detratores quase sempre o associou à desordem, à bagunça, ao desgoverno. Colocar o anarquista no lugar do *mostro moral* foi a estratégia utilizada para desqualificar sua crítica radical, que não cessou de direcioná-la tanto às práticas conservadoras da direita, como também ao autoritarismo das organizações da esquerda política. A tradição libertária, ontem e hoje, sofre a virulenta desqualificação quando é apontada como condição pré-política. No entanto, os anarquismos apresentam não apenas uma importante análise do poder na atualidade, como também se tornou possível em diferentes períodos da história dos últimos séculos.

O que observamos agora no Brasil, especialmente a partir da ação direta radical promovida pelos Black Blocs é o mesmo: ao associar seus atos às análises rasas de que são apenas jovens baderneiros é desqualificar e esvaziar sua potência de ação. Sua proposta de intervenção, - fundada mais na noção de indivíduos que se associam para práticas pontuais e descartando a ideia de organização centralizada, - representa uma importante crítica às democracias representativas, aos políticos profissionais e seus partidos. O sentido estético de seus atos na destruição de símbolos do capitalismo também aponta a emergência de uma política limítrofe. Nestes casos, destruir significa abrir espaço para criar outras possibilidades societárias, que não estejam fundadas fortemente no capital e pactuadas por políticas de Estado. Se os Black Blocs não

devem ser traduzidos como sinônimo de anarquistas, suas ações envolvem libertários, autonomistas e radicais.

Os acontecimentos que tomaram as ruas do Brasil, inicialmente motivados pela reivindicação quanto aos custos dos transportes públicos foram bem além disso. Eles vêm encarnando o desejo por vida digna, por mais liberdade, mais intervenção no destino de onde vivemos e toda uma crítica ao capitalismo tornado modo de vida. Ao menos parece ser isto entre aqueles que não desejam apenas sentar à mesa das velhas pautas propostas pelo Estado.

Motor das manifestações, o incômodo passou a ser a força necessária presente nos processos de mudança. É através do incômodo que podemos criar linhas de fuga e atos de resistências às práticas intoleráveis e ao que está dado como certo. O estado de apatia, produzido pelo profundo conformismo das pessoas, cede lugar a revolta. O conformismo é uma das facetas da neurose, que cria uma legião de acomodados, que apenas repetem as mesmas coisas.

Na Soma – uma terapia anarquista, utilizamos as propostas libertárias para desenvolver um processo em grupo, no qual promovemos uma dinâmica terapêutica autogestionária. É neste micro laboratório social que cada pessoa busca estabelecer uma relação entre seu comportamento e as práticas de poder que muitas vezes reproduzimos sem nos darmos conta. As reflexões anarquistas nos auxiliam, portanto, a pensar uma vida livre e a construção de novos modos de sociabilidade e subjetivação. É mais uma forma de pensar o anarquismo, trazendo-o para o cotidiano e para uma reflexão possível.

O caráter criador das manifestações vem da destruição de algumas verdades, sejam elas de ordem econômica, moral ou política. Contribui para motivar as pessoas a reivindicarem por mais autonomia e liberdade, mais ação e luta. Auxilia também para retirar as pessoas do estado de paralisia e comodismo - em função do medo ou do niilismo – e possibilitar criar vidas mais afirmativas. Por fim, servem para alertar os que detêm o poder e suas práticas repressivas que os vândalos são mais que um ajuntamento de gente desorientada: são pessoas que cada vez mais buscam respostas para aos absurdos naturalizados, como os “amarildos” que fazem parte do cotidiano da política brasileira.

João da Mata

Somaterapeuta, Psicólogo e Dr. em Sociologia pela UTL-Portugal.